

DOI: <http://dx.doi.org/10.5902/2236672536061>

Recebido em: 17/12/2018. Aprovado em: 10/03/2020.

“COM AÇÚCAR E COM AFETO”: O TRABALHO INVISIBILIZADO DAS MULHERES COSTUREIRAS.

“WITH SUGAR AND WITH AFFECTION”: THE INVISIBILIZED WORK OF SEWING WOMEN.

“AVEC SUCRE ET AVEC AFFECTION”: LE TRAVAIL INVISIBILISÉ DES FEMMES COUTURES.

“COM AZÚCAR Y COM AFECTO”: EL TRABAJO INVISIBILIZADO DE MUJERES COSTURERAS.

Karen Ambrozi Käercher*

 <https://orcid.org/0000-0002-9342-1781>

Monalisa Dias de Siqueira**

 <https://orcid.org/0000-0002-5063-8411>

RESUMO: Diferentes saberes e fazeres como a cura, o partear, o cozinhar, o bordar e a costura foram reservados às mulheres nos espaços subalternos. Apesar de ter se tornado sinônimo de isolamento feminino, o espaço doméstico foi ao longo dos anos organizado e governado pelas próprias mulheres. Tornando-se, desta forma, um lócus de conhecimento, mesmo que não evidente. Este artigo versa, especificamente, sobre o saber fazer da costura e os aspectos que o fazem invisibilizados no mundo do trabalho. Para tanto, abordamos o processo de regulamentação da profissão de costureira em um diálogo com as narrativas das interlocutoras e as teorias desenvolvidas no âmbito sócio-antropológico dos ofícios e profissões. Dentre os aspectos que sujeitam tal saber fazer ao âmbito informal, observamos que a tarefa intermitente de cuidar é um importante

* Mestra em Ciências Sociais; Doutoranda em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil; e-mail: kakaercher@gmail.com

** Doutora em Antropologia Social; Pós-doutoranda, bolsista do Programa Nacional de Pós-Doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PNPD/CAPES) junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil; e-mail: monalisadias@gmail.com

ponto de partida para compreender este universo. Discutimos, igualmente, a forma como os saberes e fazeres, o cuidado, o afeto e as emoções confundem-se com o papel das mulheres no mundo.

Palavras chave: costureiras; saberes e fazeres femininos; ofícios e profissões; care; afeto.

ABSTRACT: *Different knowledges and practices such as healing, midwifery, cooking, embroidery and sewing were reserved for women in subordinate spaces. Despite having become synonymous with female isolation, the domestic space has over the years been organized and governed by the women themselves. Thus, becoming a locus of knowledge, even if not evident. This article deals specifically with sewing know-how and the aspects that make it invisible in the world of work. For this, we approach the process of regulating the seamstress profession in a dialogue with the narratives of the interlocutors and the theories developed in the socio-anthropological scope of the trades and professions. Among the aspects that subject such know-how to the informal scope, we observe that the intermittent task of caring is an important starting point to understand this universe. We also discussed how knowledge and practices, care, affection and emotions are confused with the role of women in the world.*

Keywords: *seamstresses; feminine knowledge and practice; trades and professions; care; affection.*

RÉSUMÉ: *Différentes connaissances et pratiques telles que la guérison, la profession de sage-femme, la cuisine, la broderie et la couture étaient réservées aux femmes dans des espaces subordonnés. Bien qu'il soit devenu synonyme d'isolement féminin, l'espace domestique a été au fil des ans organisé et régi par les femmes elles-mêmes. Ainsi, devenir un lieu de connaissance, même s'il n'est pas évident. Cet article traite spécifiquement du savoir-faire de la couture et des aspects qui le rendent invisible dans le monde du travail. Pour cela, nous abordons le processus de régulation de la profession de couturière dans un dialogue avec les récits des interlocuteurs et les théories développées dans le cadre socio-anthropologique des métiers et professions. Parmi les aspects qui soumettent ce savoir-faire à la portée informelle, nous observons que la tâche intermittente de prendre soin est un point de départ important pour comprendre cet univers. Nous avons également discuté de la façon dont les connaissances et les pratiques, les soins, l'affection et les émotions sont confondus avec le rôle des femmes dans le monde.*

“Com açúcar e com afeto”: o trabalho invisibilizado das mulheres costureiras.

Mots-clés: *couturières; connaissances et pratiques féminines; métiers et professions; soins; affection.*

RESUMEN: *Diferentes conocimientos y prácticas como la curación, la partería, la cocina, el bordado y la costura se reservaron para mujeres en espacios subordinados. A pesar de haberse convertido en sinónimo de aislamiento femenino, el espacio doméstico a lo largo de los años ha sido organizado y gobernado por las propias mujeres. Por lo tanto, convertirse en un lugar de conocimiento, incluso si no es evidente. Este artículo trata específicamente de los conocimientos de costura y los aspectos que lo hacen invisible en el mundo del trabajo. Para ello, abordamos el proceso de regulación de la profesión de costurera en un diálogo con las narrativas de los interlocutores y las teorías desarrolladas en el ámbito socioantropológico de los oficios y profesiones. Entre los aspectos que someten tal conocimiento al ámbito informal, observamos que la tarea intermitente de cuidar es un punto de partida importante para comprender este universo. También discutimos cómo el conocimiento y las acciones, el cuidado, el afecto y las emociones se confunden con el papel de la mujer en el mundo.*

Palabras-clave: *costureras; conocimiento y práctica femenina; oficios y profesiones; cuidado; afecto.*

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo, de um modo geral, versa sobre o universo dos saberes e fazeres femininos^{<?>} da costura que empiricamente eram e, de algum modo, continuam sendo passados de geração em geração de mulheres no interior do Rio Grande do Sul. A discussão realizada neste artigo faz parte de um recorte mais abrangente que originou a dissertação de mestrado intitulada *“Feito à mão e com amor”: alinhavos etnográficos acerca de saberes e fazeres de costureiras na cidade de Santa Maria/RS*”. (Käercher, 2018). Vale ressaltar, destarte, que os dados empíricos de pesquisa estão, assim como o produto do trabalho das interlocutoras, “costurados” ao longo do texto em meio às teorias antropológicas e feministas.

Partindo das narrativas acerca do trabalho das mulheres costureiras, salientamos a necessidade decorrente de atentar para outras

particularidades que vão além do costurar e que se sobressaem nos momentos em que as mulheres falam sobre as suas jornadas de trabalho. Apesar da costura parecer comportar somente características como “feminilidade” “minuciosidade” e “delicadeza” - características tradicional, histórica e, vale dizer, indevidamente delegadas aos ofícios desempenhados pelas mulheres - ela carrega em cada ponto um aprendizado cheio de significados, trabalho pesado, cuidados, afetos, saberes femininos e geracionais.

Na época em que a pesquisa fora inicialmente publicada, duas interlocutoras possuíam até 30 anos de idade, e seis interlocutoras possuíam mais de 50 anos. A mais nova entre elas possuía 22 anos e a mais velha 84 anos. Todas aprenderam o saber fazer do ofício com outras mulheres, sejam em cursos de corte e costura ou com as suas familiares. Duas possuíam o ensino fundamental incompleto, outras duas o ensino médio incompleto. Três delas dispunham do ensino médio completo e apenas duas tiveram a oportunidade de investir em formações técnicas complementares. Todas eram residentes de cidades localizadas no interior do Rio Grande do Sul. Cinco delas já se encontravam aposentadas, mas continuavam trabalhando com a costura de alguma maneira. Somente duas trabalhavam em ambientes comerciais, o restante adaptava cômodos de suas residências para receberem seus clientes. Por fim, com exceção das interlocutoras mais jovens, a maioria das mulheres conviveu com a costura de fábrica ou com a terceirização da escala produtiva materializada em seu meio familiar. Desta forma, este é um estudo *com* mulheres de diferentes estratos sociais, gerações, poderes aquisitivos, graus de escolaridade e de diferentes estilos de vida. Mas também é um estudo com mulheres que falam o idioma comum da costura e de outros saberes que permeiam o universo feminino, como o cuidado e o trabalho reprodutivo¹.

A pesquisa de campo foi realizada mais intensamente no ano de 2017 e no início do ano de 2018. Pode-se dizer ainda que a pesquisa foi dividida em dois momentos diferentes de trabalho de campo, o de usual convívio com as mulheres inseridas no tema da pesquisa e no segundo momento, o de escrita etnográfica. Segundo a antropóloga Marilyn Strathern (2014), é neste segundo momento o qual

não estamos acostumadas(os) a pensar como fazendo parte também do trabalho de campo. Para a autora, o “feito etnográfico” compreende a conciliação desses dois momentos, trilhando percursos no ir e vir das convivências e do escrever. Inspiradas pelas reflexões de Strathern, visamos reconhecer as relações que estabelecemos no trabalho de campo por elas mesmas, num processo de imersão, para somente depois refletir e construir outra narrativa a respeito delas.

Já as negociações éticas permeiam a esfera da utilização ou não dos nomes próprios das interlocutoras, como veremos a seguir. O antropólogo Luís Roberto Cardoso de Oliveira (2004) chamou atenção para o fato de que as/os antropólogas/os estão o tempo inteiro negociando sua permanência em campo durante o processo de pesquisa. Não somente pelo fato de que para desenvolver a pesquisa é fundamental que o uso dos dados e a convivência com fins de observação participante sejam consentidos. Mas, também porque a pesquisadora e o pesquisador se relacionam com as/os interlocutoras/es enquanto atriz ou ator social. Ou seja, experiências vivenciadas são compartilhadas simultaneamente entre os dois grupos. Por isso, torna-se importante atentar para o diálogo e a negociação ética estabelecida entre as pesquisadoras e as costureiras. Concordamos que os seus nomes verdadeiros seriam explicitados, como uma forma de reconhecer os trabalhos por elas realizados. Não obstante, também concordamos que a utilização de codinomes que pudessem aludir e dar forma e textura para as suas vivências poderiam enriquecer o texto. Assim, mantivemos contato com nove costureiras nominadas na pesquisa da seguinte forma, Cetim, Paetê, Chita, Renda, Filó, Algodão, Jeans, Linho e Lã. Respectivamente, Rosani, Jussara, Dona Gessi, Dona Anilda, Dona Doce, Dona Geordina e sua neta Taci, Fernanda e Dona Clara Terezinha.

Na íntegra da pesquisa, observamos que ora a costura possui centralidade na vida das mulheres, ora as máquinas de costura são deslocadas do centro das casas e o saber fazer se esmaece por gerações até que alguma outra mulher da família demonstre atenção pela velha máquina. No ambiente do lar, a costura assume a dimensão reprodutiva do trabalho, na medida em que é tomada como mais uma das atividades domésticas com reparos diários, confecção de enxó-

vais e cerzimentos. Em outros momentos, a costura pode também ser aproveitada como uma oportunidade de trabalho que complementa a renda ou até mesmo como fator central de sustento da casa, sendo realizada a domicílio ou nas grandes fábricas de confecções. Quando realizada a domicílio, ela se mescla e se confunde com os outros afazeres domésticos demandados pela vida cotidiana de todas as pessoas, mas que, geralmente, apenas as mulheres os desempenham.

Para além do “saber fazer costurar” e, especialmente para os propósitos deste artigo, iremos tensionar alguns aspectos da tarefa de cuidar que se mostra muito presente no cotidiano das costureiras. É comum perceber ou pensar na tarefa do cuidado como estranha no universo das linhas e agulhas. Visto que, de uma maneira associativa, quando nós pesquisadoras remetemos à categoria do cuidado, pensamos quase que imediatamente nas pessoas oficializadas que cuidam de pessoas enfermas e/ou idosas, ou seja, cuidadoras e/ou enfermeiras (Hirata; Guimarães, 2012). Entretanto, mesmo que essas sejam ocupações feminilizadas no mercado de trabalho, o cuidado percorre a vida das mulheres em todas as instâncias, sejam manifestas na esfera profissional, no cuidado materno ou no cuidado doméstico. Compreender, portanto, o trabalho das mulheres que costumam envolver analisar a categoria do cuidado como um fator de relevância mesmo que, em um primeiro momento, não seja evidente. Por conseguinte, passamos também a refletir acerca do trabalho emocional gerido pelas mulheres costureiras, ambos os trabalhos são tradicionalmente confundidos com o papel das mulheres no mundo. A falta de reconhecimento, simbólico e/ou valorado, da profissão ou ofício de costureira pode também ser um primeiro passo para entendermos como a dinâmica do trabalho domiciliar está configurada, especialmente, no caso destas mulheres.

Na primeira parte deste artigo, apresentamos e discutimos acerca da movimentação e dos impasses enfrentados para a regulamentação da profissão de costureira/o presente no texto do Projeto de Lei Nº 7.806-A. Utilizamos como aporte uma dinâmica de reflexão com as teorias acadêmicas desenvolvidas no âmbito sócio-anropológico das profissões. Para tanto, discutimos as teorias dos autores Eliot L. Freidson (1996) e Claude Dubar (2012). Embora, tenhamos

optado pela abordagem teórica das autoras Fernanda Nummer e Maria C. França (2015), que ao menos desde a 29ª RBA realizada em São Paulo em 2011, desenvolveram as noções de ofícios e profissões não somente por meio dos projetos de vida e processos produtivos associados ao trabalho. Mas, também pelas trajetórias, memórias individuais e coletivas das trabalhadoras.

Já na segunda parte deste artigo, atentamos para a dimensão do cuidado e do afeto presentes no cotidiano do “trabalho da agulha”. Características que, como mencionadas anteriormente, contribuem para a situação de informalidade e domesticidade da profissão de costureira. Neste momento, a literatura do “care”, isto é, do cuidado, fez-se de extrema relevância e teóricas feministas como Elizabeth Barber (1995), Arlie Hochschild (2008), Cristina Vega Solís (2009), Joan Tronto (2009), Pascale Molinier (2012) e Encarnación Gutiérrez-Rodríguez (2012) tornam-se importantes nomes que carecem de uma apresentação mais atenta. Veremos com detalhamento os principais pontos conceituais de cada uma das autoras no segundo tópico.

2 ENTRE COSTURAS E RECONHECIMENTOS: UM DIÁLOGO COM AS TEORIAS SOCIO-ANTROPOLÓGICAS DOS OFÍCIOS E PROFISSÕES

Um dos fatores em comum relativo às interlocutoras que se intitularam como costureiras é o fato de não ser oferecida uma profissão regulamentada e conseqüentemente reconhecida em termos jurídicos. Em junho do ano de 2016, a Comissão de Desenvolvimento Econômico, Indústria e Comércio da Câmara de Deputados rejeitou o projeto de lei (PL) que visava regulamentar a profissão de costureira(o), ainda que o mesmo projeto estivesse em trâmite no ano de 2018 para as comissões de Trabalho, de Administração e Serviço Público, de Constituição, de Justiça e de Cidadania antes de retornar para o plenário.

O texto do Projeto de Lei Nº 7.806-A prevê jornada limitada de seis horas de trabalho diário em trinta horas semanais, as horas excedentes seriam consideradas horas extras pagas com a razão de

cem por cento, devido ao alto grau de esforço repetitivo, desgastante, fator de doenças e problemas posturais. Veta a contratação de profissionais estrangeiras(os) para os setores técnicos e operacionais quando houver mão de obra brasileira qualificada para tal. Aponta para a obrigatoriedade do pagamento de adicional de insalubridade de vinte por cento sobre os salários, sendo dispensado o laudo técnico para a comprovação. Visa o fornecimento de cestas básicas a serem providas pelo(a) empregador(a), bem como a garantia dos planos de saúde capazes de atender as necessidades das(os) trabalhadoras(es). Assegura o piso nacional de dois salários mínimos e delimita que todas(os) as(os) costureiras(os) deverão possuir certificado em curso oficial de costura.

O projeto ainda classifica as(os) profissionais em sete divisões: *costureira(o) chefe*: profissional capacitada(o) em todas as modalidades da costura (tirar moldes, cortar, confeccionar, etc.) em curso reconhecido; *costureira(o) sub-chefe*: auxilia e substitui a(o) costureira(o) chefe em caso de ausência; *oficial costureira(o)*: profissional que corta os tecidos, tendo responsabilidade das peças a rigor ou mais complexas; *costureira(o) de fila ou costureira(o) 3*: trabalhadora(o) que opera as máquinas da fábrica; *costureira(o) aprendiz*: é a(o) iniciante que chuleia, acolchoa entretelas, faz bolsos etc.; *costureira(o) acabadora ou acabador*: faz reparos em geral; *costureira(o) passadora ou passador*: fica encarregada(o) de passar à ferro todas as peças do vestuário.<?>

A justificativa para a rejeição da PL por parte da Comissão de Desenvolvimento Econômico, Indústria e Comércio refere-se, sobretudo, ao fato de que algumas das questões presentes no texto da lei poderiam prejudicar parte da categoria, tal qual a exigência de curso específico para capacitação da(o) profissional. Visto que muitas(os) delas(es) adquiriram o conhecimento da costura com suas familiares ou conhecidas de maneira informal e, portanto, desenvolveram suas habilidades de maneira estritamente empírica.

Neste ponto, outro fator importante deve ser elencado na discussão, pois, como podemos perceber, a categoria de costureira(o) está sub-dividida em outras duas categorias: existem as(os) costureiras(os) da produção industrial que confeccionam vestuário massivo

em série e as costureiras^{<?>} que trabalham em casa e realizam o serviço de forma artesanal, ou pelo menos sem o auxílio de máquinas industriais. Sendo assim, o projeto, como vem sendo redigido, pode causar conflitos trabalhistas entre as diferentes partes que compõem essas categorias. São recorrentes, na prática, situações em que determinações legais criam fronteiras que são mais complexas de serem delimitadas na realidade social. O que pode resultar em direitos para alguns e ausência deles para outros. Aqui nos referimos, particularmente, a PEC72/13 que visava dar isonomia para as trabalhadoras domésticas em vista de outras(es) trabalhadoras(es) que ofereciam serviços gerais. Contudo, uma alteração no corpo do texto da lei terminou por isentar as trabalhadoras diaristas de terem os seus direitos garantidos. Desta forma, a lei contemplou apenas as trabalhadoras consideradas mensalistas e que ofereciam serviço de natureza contínua na residência de seus patrões. Portanto, mesmo que a PL Nº 7.806-A fosse aprovada, muitas(os) trabalhadoras(es) permaneceriam desprotegidas(os) pela lei.

Segundo dados da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit), existem 1,3 milhões de pessoas empregadas na indústria têxtil no Brasil – sem contabilizar as(os) costureiras(os) autônomas(os) – concentradas principalmente nos Estados de São Paulo, Paraná, Goiás, Pernambuco e Minas Gerais. Cerca de oitenta e sete por cento são mulheres e setenta e oito por cento possuem apenas o ensino fundamental. Esses números colocam nosso país como o quinto maior produtor têxtil do mundo e o quarto maior segmento de vestuário, ficando logo atrás de países como a China, Índia, Estados Unidos e Paquistão. Embora exista um acompanhamento da Organização Internacional do Trabalho, diversas pesquisas, como as realizadas por Magda de Almeida Neves e Célia Maria Pedrosa (2007), vêm revelando a precariedade do trabalho no setor têxtil.

Torna-se fundamental frisar que a realidade das costureiras não é milimetricamente dividida entre costura de fábrica e costura domiciliar, como bem nos mostra o estudo intitulado “*O avesso da moda*”, de Alice Rangel de Paiva Abreu (1986) que investiga o trabalho a domicílio na indústria da confecção. Em conformidade, igualmente, com os relatos das interlocutoras, pode-se entender que

as suas trajetórias do trabalho e os cenários no qual elas ajudam a compor estão combinados e alternados entre fábrica, casa, loja e ateliês de costura. O mundo do trabalho está em constante transformação, mas ser costureira é ainda hoje uma estratégia de sobrevivência na qual elas se ajustam às novas formas de produção e resistem enquanto mulheres costureiras. Como, certa vez, relatou-nos Dona Chita, *“ser costureira é sempre garantir um dinheirinho”*, pois, *“o trabalho da costura é aquele que as pessoas vão precisar sempre, não importa os tempos”*.

As associações sindicais como o Sindicato das Costureiras de São Paulo e Osasco, o Sindicato dos Trabalhadores em Confecção de Goiânia (STIC/GO), a Entidade Sindical do Rio Grande do Norte (SOACTICRGA/RN) mais conhecida como Sindcostureiras, o Sindicato dos Oficiais Alfaiates, Costureiras e Trabalhadores nas Indústrias de Confecções de Roupa, Cama, Mesa e Banho de Belo Horizonte e Região Metropolitana (SOAC/BH) e o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias do Vestuário em Porto Alegre/RS, entre outros, atuam para a conquista de direitos para as(os) trabalhadoras(es) da agulha. Assim, alfaiates, costureiras e demais trabalhadoras(es) da indústria da confecção já se aliam na busca por reconhecimento da profissão, melhorias salariais, melhores condições de trabalho e bem estar social. Os dados iniciais e as associações das(os) trabalhadoras(es) apenas reafirmam que existe um grande contingente de mão de obra de costureiras que necessitam ter seus direitos legais reconhecidos e garantidos dentro de suas especificidades. Portanto, torna-se necessário reconhecer a importância que deve ser dada para a produção de vestuário e as pessoas que nela deixam o seu esforço.

Outra abordagem acerca da regulamentação da profissão – desta vez não do universo das leis, mas sociológica – distancia as(os) trabalhadoras(es) da costura de sua conquista para a obtenção de reconhecimento profissional. Isso se deve ao antigo interesse por parte da Sociologia ao mundo do trabalho e as suas classificações das atividades trabalhistas entre profissões (conhecimento científico) e ofícios (conhecimento técnico). Ou seja, a profissão estaria ligada ao

intelecto e ao uso da mente, enquanto o ofício estaria mais voltado para as mãos e o uso do corpo. Para o sociólogo Eliot L. Freidson (1996), essa distinção entre trabalho manual e trabalho mental é remota e capta as distinções entre um e outro de maneira equivocada, pois o trabalho das profissões se distinguiria do trabalho de ofícios por ser uma “especialização criteriosa teoricamente fundamentada.” (Freidson, 1996, p.02).

Tradicionalmente, na Sociologia das Profissões, abordam-se duas correntes de pensamentos: a corrente funcionalista e a corrente interacionista. Na corrente sociológica funcionalista americana, alguns autores tomam as profissões como modelos superiores aos ofícios, desenvolvendo uma série de características que dividem ambas as atividades. Sendo assim, o desenvolvimento de determinada atividade só poderia se caracterizar enquanto profissão caso atendesse certas demandas como listado pela socióloga brasileira Marli Diniz (2001),

[...] a existência de um corpo de conhecimento suficientemente abstrato e complexo para requerer um aprendizado formal prolongado; uma cultura profissional sustentada por associações profissionais; uma orientação para as necessidades da clientela e um código de ética. (Diniz, 2001, p.20).

Diferentemente pensam alguns sociólogos interacionistas simbólicos como, por exemplo, Becker (2007). Na perspectiva abordada pelo autor, essa divisão dos trabalhos é apenas o resultado das interações e processos sociais. Dessa forma, contesta a corrente anterior, alegando que todas as atividades laborais conseguiriam ocupar o posto de profissão. Isso seria possível caso tivessem um tipo de socialização que viabilizasse um reconhecimento social e monetário de todos que exercem e usufruem daquela determinada atividade. De acordo com o sociólogo francês Claude Dubar (2012),

A questão da profissionalização é assim redefinida pelos interacionistas como um processo geral, e não reservado a certas atividades, a partir do postulado de que todo trabalhador deseja ser reconhecido e protegido por um estatuto e da constatação de que toda “ocupação” tende a se organizar e lutar para se tornar “profissão”. (Dubar, 2012, p. 356).

Caso tomemos como premissa a ideia arbitrária de profissão que corresponde a corrente funcionalista de pensamento, somente um grupo de trabalhadores beneficiados pela legislação poderia ser identificado como profissional. A partir do que vimos acima, em relação à tramitação do projeto de lei recém estar entrando em um processo de regulamentação, o trabalho das costureiras estaria muito longe de se configurar enquanto profissão. Nesse sentido, continuaria sendo relegado a um mero status de ofício, em que o corpo trabalha mais do que a mente.

Por este motivo, reconhecemos que seria mais adequado tomar como premissa a ideia interacionista atribuída à profissão. Visto que se podem relacionar outros atributos, delegando importância à busca por profissionalização de grupos que mantêm um reconhecimento de si. A partir das organizações dos sindicatos, percebe-se que o grupo profissional das costureiras se configura em situações de trabalho marcadas por trajetórias de vida, divisão do trabalho (de classe, gênero e etnia), continuidades e rupturas, relações patronais e hierarquizações. Além disso, o grupo vem há muito tempo lutando por reconhecimento legal, tendo em vista que o reconhecimento social, de algum modo, a profissão de costureira já possui.

Um exemplo que demonstra certo reconhecimento social das costureiras no Brasil é a comemoração do “Dia da Costureira”. A data varia de acordo com os estados, visto que cada região sancionou a lei para comemoração em dias distintos. Assim, existem oscilações do dia vinte e sete de março, passando por vinte e dois e vinte e cinco de maio. Outro marco diz respeito à Empresa Brasileira de Correios que, recentemente, investiu na iniciativa de registrar profissões que fazem parte do contexto histórico e sociocultural do povo brasileiro em formas de selos. A costureira foi uma das profissões escolhidas, com traços coloridos e leves, os valores inerentes ao seu trabalho são retratados no desenho que desde então estampa correspondências por todo o território nacional.

Homenageada por algumas instituições, invisibilizadas e precarizadas por outras, a costura é um tipo de trabalho que é realizado em grande parte dentro das casas das mulheres que residem em comunidades. Uma quantidade significativa deste trabalho não é reco-

nhecido como propriamente trabalho e, por conseguinte, profissão. Ora porque não é totalmente recompensado, ora porque não se realiza em tempo integral, tendo em vista a sua característica de intermitência. Sem esquecermos-nos de mencionar os trabalhos de costura que são realizados em tempo integral, e beiram a exploração à margem da informalidade. O inverso disso tudo? As profissões listadas em tipos especiais de ocupações, certificadas e regulamentadas.

É fácil de se pensar que boa parte da população de uma cidade, ao menos no Brasil, já tenha tido contato com pelo menos uma costureira de bairro a qual precisou recorrer em algum momento. Ao observarmos o seu fazer, fica evidente o esforço físico corporal despendido no serviço diário, mas existe também o esforço que se configura como mental em outras instâncias: ela planeja, organiza e gerencia seu trabalho remunerado e o não remunerado, leia-se o trabalho doméstico. Algumas teóricas feministas chamam este trabalho de carga mental, outras de trabalho emocional ou reprodutivo, como discutiremos mais precisamente no próximo tópico deste artigo.

Dito tudo isso, salientamos que não faremos distinção ou recortes de hierarquias entre ofícios e profissões. Adequamo-nos à linha analítica das antropólogas Fernanda Nummer e Maria C. França (2015), levando em consideração os projetos de vidas e percursos das trabalhadoras associados ao trabalho da costura que permeiam uma complexificação. Diferente das noções de ofícios e profissões organizadas pelos teóricos que viemos discutindo até aqui.

Os ofícios e profissões têm sido estudados na disciplina antropológica de maneira distinta e menos engessados quando em relação a outras áreas de conhecimento. Nestes trabalhos têm se enfatizado e se observado os significados de rituais de iniciação, performances, estilo de vida, memória e relações geracionais ligadas ao mundo do trabalho. No caso das costureiras desta pesquisa, mesmo que a profissão não esteja devidamente regulamentada, optamos por atentar às categorias fornecidas pelas próprias interlocutoras. Sendo assim, foi necessário voltarmos o olhar para as práticas, para a maneira como se auto intitulam pertencentes a uma profissão de costureira e para os saberes e fazeres femininos e geracionais que se configuram como maneiras de saber sobre/viver.

3 ENTRE CUIDADO E AFETOS: INTERMITÊNCIA NA VIDA DAS MULHERES QUE COSTURAM

Ao pensarmos sobre as narrativas acerca do trabalho das costureiras, não podemos deixar de atentar para outras particularidades que vão além do costurar e que se sobressaem nos momentos em que as mulheres falam sobre as suas jornadas de trabalho. Como já referido anteriormente, um dos fatores que perpassa a vida de todas as mulheres que foram entrevistadas é a tarefa de cuidar. Para entendermos melhor a dinâmica de cuidar em meio ao costurar, é preciso antes dar um panorama geral de como os saberes e fazeres têm sido configurados no mundo ocidental e masculino.

Quando uma sociedade é educada com um padrão cultural androcêntrico, demora-se para perceber a ausência das mulheres em sua constituição histórica. Com o déficit da historiografia de, pelo menos, 50% da humanidade, algumas pesquisadoras feministas procuraram escrever a história das mulheres ao olhar para onde elas outrora se encontravam: o cotidiano e suas práticas. Uma das maiores expoentes dessa tradição é a historiadora francesa Michelle Perrot (1988), que centrou seus esforços no cotidiano para contar outra história, com outros vieses. Para a autora, por mais reais que sejam a opressão e a dominação dos homens através dos séculos, esses fatores não seriam suficientes para contar a história das mulheres,

Elas [as mulheres] estão presentes aqui e além. Elas são diferentes. Elas se afirmam por outras palavras, outros gestos. Na cidade, na própria fábrica, elas têm outras práticas cotidianas, formas concretas de resistência – à hierarquia, à disciplina – que derrotam a racionalidade do poder, enxertadas sobre seu uso próprio do tempo e do espaço. Elas traçam um caminho que é preciso reencontrar. Uma história outra. Uma outra história. (PERROT, 1988, p.212).

As mulheres comuns possuem outros saberes concentrados, principalmente, entre as medicinas naturais, as religiões e a cultura. Saberes estes que seriam tomados no decorrer dos séculos como pertencentes ao senso comum, ou seja, tomados como conhecimentos

ordinários ou vulgares. Diversos fatores poderiam ser explorados para analisar os porquês desta transformação no imaginário social relativo aos saberes e fazeres femininos. Contudo, um dos motivos mais debatidos e conhecidos está relacionado ao período de “caça às bruxas” que se inicia no século XV, atingindo o seu ápice nos séculos XVI e XVIII, cujos efeitos são sentidos até os dias de hoje. De acordo com a historiadora italiana Silvia Federici (2017), um dos resultados da perseguição das curandeiras populares sucedeu, por exemplo, no fato de que as mulheres foram “expropriadas de um patrimônio de saber empírico relativo a ervas e remédios curativos, que haviam acumulado e transmitido de geração em geração” (Federici, 2017, p.364). Para a autora, isto se configura numa perda para as mulheres que acabou abrindo o caminho para que a medicina profissional surgisse. Assim, a medicina construiu um muro de conhecimento inalcançável para as “classes baixas” e, especificamente, para as mulheres portadoras dos saberes e fazeres da cura.

Já os estudos de Fátima Perurena (1997), ao discorrerem acerca dos saberes femininos pouco reconhecidos em nossa sociedade, escolhem caminhar pelas discussões epistemológicas a fim de remontar a divisão “corpo e mente” estabelecida por Descartes. Esta divisão se estabeleceu como um paradigma que atingiu em maior grau o universo de saberes e fazeres das mulheres em oposição ao universo de saberes dos homens. Isso quer dizer que a construção da ciência se configurou de forma gendrada, tal como a sociedade que é claramente delimitada pelas diferenças de gênero. Sendo assim, o mundo dos saberes comuns, da medicina natural, dos florais, do cuidado e dos ritos estaria mais próximo do “saber feminino” construído no cotidiano. Isso significa que, na medida em que se afasta da ciência inicialmente produzida somente pelos homens, torna-se um saber que constitui compreensões que escapam às racionalidades da ciência cartesiana.

Ao recorrer a Perrot (1988), Federici (2017) e Perurena (1997), procuramos mostrar que os saberes e fazeres construídos pelas mulheres dentro dos ambientes domésticos não envolvem apenas um mundo que é considerado racionalizado e objetivo. Mas, envolvem, sobretudo, um universo que é afetivo e corporal. E que por conta

disso, acabam por se constituírem como saberes e fazeres pouco reconhecidos, mas centrais para o desenvolvimento da vida social. Contemporaneamente, estes saberes podem ser identificados como tradicionais ou “coisas de vovó”, em razão de que muitas pessoas trazem na memória as características tarefas manuais desempenhadas pelas mulheres da família, em geral as mais velhas. São saberes e fazeres que “não foram aprendidos formalmente, mas transferidos de mulher para mulher no jogo de reprodução de papéis sociais” (Sapiezinskas, 2012, p.147). A maioria destes saberes como, bordar, costurar, lavar, limpar, cozinhar, partejar, fazer remédios caseiros produzidos a base de plantas e ervas estão relacionados com a reprodução e o cuidado da vida. E por último, é importante atentar para os núcleos domésticos que revelam um cotidiano marcado pela dimensão do cuidado. Todas as interlocutoras cuidam ou cuidaram de crianças, idosos ou companheiros durante as suas vidas. Mesmo as mais jovens desempenham papéis de cuidados das(os) irmãs e irmãos mais novos, das avós e avôs. Linho, a título de exemplo, cuida de sua avó que possui a guarda do neto, por consequência, os cuidados da criança também ficam por conta da costureira. Com Dona Renda, para dar seguimento aos exemplos, as dimensões de cuidado são mais complexas e percorrem toda a sua história de vida. Viúva há quase dois anos, ocupou o lugar de cuidadora em tempo integral da casa, dos dois filhos e do marido que adoeceu, permanecendo em estado vulnerável durante onze anos. Mas não somente neste tempo, pois a bebida, o cigarro e o desafio encorajado pela masculinidade característica dos bairros populares, também acabaram por criar circunstâncias que necessitaram o apoio e dedicação de Dona Renda ao seu esposo.

Portanto, o trabalho das costureiras em questão se desenvolve muitas vezes no ambiente doméstico e por isso acaba se mesclando com o trabalho que o cotidiano demanda. É incessante, intermitente, maternal e exclusivamente feminino. Observamos tantas mulheres em suas tarefas domésticas ininterruptas na vida diária e que por anos e mais anos são aprendidas e realizadas de forma hereditária. Tarefas que são, em geral, o suporte emocional e logístico necessário para que as famílias se mantenham e se sustentem como tal. Não é

exagero afirmar que dedicar-se ao cuidado da casa e da família é um trabalho que dura praticamente 24 horas diárias, em todos os 365 dias no ano, com férias inexistentes e sem nenhum tipo de remuneração. As noites de sono são constantemente adiadas em prol de um trabalho que não se dá por vencido. A máquina de costura pode ser ouvida nos três turnos, antes do marido sair para o trabalho ou durante a novela das oito. Dona Filó, em distintos momentos, relatou-nos que às vezes não dispunha de tempo para tomar banho e dar atenção ao seu corpo. Passara as festas natalinas costurando vestimentas para os clientes apreciarem as suas viradas de ano. Consequentemente, trabalhava de um ano a outro, costurando vestidos de festa para as formaturas que logo viriam. A televisão e o rádio estão sempre ligados, pois é desta maneira que as mulheres se integram de um mundo em transformação que deixaram de vivenciar. As mulheres limpam a casa, cozinham, cuidam dos filhos, dos animais de estimação, do marido e uma das outras quando necessário. Costuram, tricotam e, algumas como a interlocutora Linho, bordam histórias com linhas coloridas por entre bastidores. Os bastidores de um trabalho invisível e que não cessa.

Perceber que os trabalhos domésticos e de cuidado são pertencentes ao mundo dos bastidores porque não são valorados pode parecer contraditório se reconhecermos que eles fazem parte do ato de reproduzir a força de trabalho e a vida humana. O trabalho da costura, mesmo que não na mesma medida, pode ser pensado como um trabalho essencial para a manutenção da nossa sociedade, visto que todas/os precisam vestir algo, até mesmo para dormir. Desta forma, tal reflexão implica, necessariamente, que se percorram as nuances dos trabalhos realizados por estas mulheres a fim de não apenas reconhecer que são pouco valorizados, mas também para buscar compreender o porquê desta circunstância.

A costura não constitui o cuidado, mas tendo em vista que ambos se configuram como diferentes saberes femininos, o cuidado termina por constituir a vida das mulheres que costuram. Vale ainda ressaltar que não foi nossa intenção inicial focar na categoria de cuidado, mas no momento em que este se sobressaiu, tornou-se inevitável não olhar para o que o trabalho de campo revelava. Por

isso, tentaremos evidenciar como ambos, cuidado e costura, estão presentes na vida de algumas mulheres. São trabalhos pesados, afetivos e essenciais para a organização da vida em sociedade. Desenvolveremos o argumento a partir das linhas que se seguem.

Os trabalhos realizados com agulhas e fios são considerados atividades femininas, tendo em vista que são compatíveis com o cuidado infantil, igual e unicamente incumbido às mulheres. De acordo com os estudos da arqueóloga Elizabeth Barber (1995), espaços de fiação, tecelagem e costura foram constituídos como geralmente femininos, e o porquê desta circunstância é o que move a escrita do capítulo “A Tradition with a Reason: Why textiles were traditionally women’s work”^{<?>}, do livro intitulado “Women’s work”. Segundo a autora, durante muitos milênios as mulheres sentaram juntas para fiar, tecer e costurar. Barber questiona, então, o porquê de a produção de roupas estar diretamente vinculada ao universo feminino, e não ao masculino. Dificilmente a criação dos filhos é a responsabilidade principal dos homens, desta forma, o trabalho desempenhado pelas mulheres depende da compatibilidade com as exigências da assistência infantil. Por isso, os trabalhos destinados às mulheres são aqueles extremamente repetitivos, intermitentes e facilmente retomados uma vez que interrompidos. Não por acaso, fiar, tecer e costurar são trabalhos que podem ser feitos em casa e podem conciliar o cuidado das crianças. Compreender, portanto, o trabalho das mulheres que costumam, envolve análises complexas, que num exercício de reflexão poderíamos comparar com a categoria de cuidado, a qual a professora de Ciência Política Joan Tronto (2009) definiu como uma carga de trabalho “pesada” e “afetiva” (Tronto, 2009, p.188).

Inspiradas em Tronto (2009), discorreremos primeiro sobre a carga de trabalho pesado das mulheres costureiras e, em seguida, sobre os aspectos afetivos desse trabalho. O trabalho das mulheres entrevistadas mesclava-se com as experiências profissionais a sentimentos e emoções que envolviam o universo familiar. Em cada ponto dado, uma história, amores e desamores, biografias anônimas de mulheres comuns, lembranças da juventude e experiências cotidianas do cansaço causado pelas demandas do trabalho no lar. Isso porque o seu trabalho rentável se dá de maneira informal, sem os

atributos necessários para se garantir qualquer direito trabalhista. E é, dessa forma, que o trabalho da costura se entrelaça com os afazeres domésticos.

Como é sabido de outras literaturas, o trabalho doméstico pode ser traduzido como o trabalho “sujo, perigoso e degradante” (Pai, 2004). No caso das costureiras, o trabalho pesado se desenvolve na maioria das vezes quando elas se encontram sentadas em frente às máquinas de costura. As atividades manuais são executadas com minuciosidade e acabam por exigir um acompanhamento visual aguçado, é a partir daí que os problemas de visão começam a aparecer. Devido aos longos períodos de trabalho numa posição de repetição, o pescoço e as costas ficam comprometidos com tensões. As mãos, calejadas pelas tesouras e agulhas, também podem estar sujeitas a dores, assim como as pernas estão mais suscetíveis ao aparecimento de varizes. Sem deixarmos passar em branco a tensão das horas que passam e das entregas urgentes que necessitam ser efetuadas, do pouco ou nenhum tempo para repouso e as poucas horas de sono que resultam desta tensão.

Fazendo referência ao caso de Dona Paetê, ela contou-nos que nunca gostou de ser dona de casa e, por isso, investiu seus esforços em diversos trabalhos para além da costura: cortou cabelo e aparou a barba dos homens que moravam no interior, e outras vezes, maquiou outras mulheres para as festas usando o pó de arroz que ela mesma preparava. Conta que não era incomum a contratarem para fazer o casamento completo, isto é, confeccionar as roupas do noivo e da noiva, maquiagem para as mulheres da família da noiva para o dia do casamento e, às vezes, até mesmo fazer o bolo do jantar. Depois que voltou a morar na cidade, Paetê teve uma sucessão de empregos em fábricas de confecção, passando inclusive a ser colega de Dona Chita durante um tempo numa fábrica especializada em jeans, até ser empregada no setor de costura terceirizada de um hospital local. Lá, costurou roupas de cama, aventais, jalecos, propés, entre outras costuras em tecidos que precisam ser utilizadas dentro de um hospital. O trabalho era infundável e tomado por um esforço físico resultante em artrose nos ossos do joelho direito, o mesmo que toca o pedal das máquinas de costura. Por conta disso, precisou parar de trabalhar

por um tempo e se aposentou. Apesar dos seus esforços para fugir do ambiente doméstico, Paetê continua trabalhando com as costuras à domicílio em meio as tarefas domésticas e o cuidado do marido.

O valor do trabalho despendido para costurar e cuidar, nestes casos, sempre foi um valor inferior ou inexistente se comparado com outros tipos de trabalho. De acordo com a socióloga Arlie Hochschild (2008), isso não acontece porque o trabalho de cuidado é mais simples, ou constitui um labor facilitado, ou ainda que exista pouca necessidade dele na sociedade, mas, “resulta de uma política cultural baseada na desigualdade” (Hochschild, 2008, p.283, tradução livre). Ainda segundo a autora, “o escasso valor que se atribui ao trabalho de cuidar pessoas mantém baixo o status das mulheres que o fazem e em última instância, o valor de todas as mulheres.” (Hochschild, 2008, p.284, tradução livre).

Quando a pesquisadora espanhola Cristina Vega Solís (2009), no texto “Culturas del cuidado em transición” refere-se à categoria do cuidado como uma atividade que sempre esteve, apesar de sua invisibilidade, no centro de nossa existência, a autora quis dizer que o cuidado está em tudo. E os slogans comerciais presentes em nosso cotidiano, observados em nossas vidas diárias e ao longo da pesquisa, remetem às linhas chamadas de “baby care”, que asseguram, “com uma proteção segura, suave e eficaz, com todo o carinho que o seu bebê merece”; “transforme a hora do banho do seu bebê num momento de cuidado e hidratação com o sabonete x,y,z”. Ou mesmo com os produtos de limpeza da casa “clean care”, amaciantes “soft care”, etc., e se formos além, podemos pensar no cuidado de si com alguns produtos de higiene pessoal que já não cabem mais exemplificar. Em suma, o cuidado nos circunda e nos constitui, está entre o assalariado e o não assalariado, o público e o privado, a família e o Estado, o formal e o informal e é, sobretudo, uma forma de trabalho que envolve uma dinâmica de afetos.

A psicóloga social Pascale Molinier (2012) em seu texto “Ética e trabalho do care” procura apresentar o care como um “*savoir-faire*” discreto, no sentido de explicitar a problemática deste trabalho invisibilizado. Molinier desenvolve o pensamento de que quando um trabalho é bem feito, ele não se torna visível, “seu sucesso de-

pende em grande parte de sua discrição, ou seja, da supressão de seus rastros.” (Molinier, 2012, p.33). Os *savoir-faire* discretos, neste sentido, são tratados pelo universo ordinário como meras gentilezas e simpatias. A autora prossegue nos fazendo pensar que todas as pessoas em alguma época de suas vidas já foram “servidas” (cuidadas) por alguma mulher, geralmente, da família. Isso significa dizer que mesmo que não sejam diretamente solicitadas, algumas mulheres vêm desempenhando o papel de nutrir e cuidar das demais pessoas. A partir disso, Molinier delinea uma criativa comparação do *care* com as cenas do filme “*La Belle et La Bête*” (1946) dirigido pelo surrealista Jean Cocteau. No filme não existem serviçais para desempenharem o trabalho de pôr a mesa e servir as pessoas, assim, candelabros, bules, xícaras e bandejas ganham vida através de feitiços. O trabalho é magicamente realizado por alguém fantasmagórico, ou seja, que não aparece, que é reduzido ao seu “órgão-função” e que por isso não existe.

Semelhante às análises do *care savoir-faire* de Molinier (2012), a socióloga Hochschild (2008) também retrata criticamente o cuidado do modelo tradicional de pensar da sociedade como algo que não requer esforço, que funciona naturalmente bem. Por funcionar tão bem, acaba por evocar um determinado ideal, aquele que atribui o cuidado ao feminino. Por outro lado, a autora também afirma que este trabalho feminino tem ganhado cada vez mais importância nos dias atuais, uma vez que o “amor” e o “cuidado” passaram a ser o “novo ouro” extraído dos países mais desfavorecidos e transportado para os países ricos, a exemplo do movimento de migração das mulheres que cuidam.

A noção de que o cuidado da casa e da família deve ser realizado exclusivamente pela mulher produz certa afetividade, em consequência de que a natureza do cuidado é a de um trabalho emocional. Isto é, que envolve afetos e emoções. Ao chegar neste ponto da discussão, convém salientar que o autor Angelo Soares (2012) analisa o trabalho do cuidado enfatizando justamente as emoções. Conforme o autor, as emoções possuem uma duração com começo e fim, bem como se manifestam por meio do corpo com sintomas físicos de mal ou bem estar. Ou seja, as emoções são corporalizadas (*embodied*), além disso,

“vale assinalar que nem todo trabalho emocional é, necessariamente, trabalho de cuidados, mas todo trabalho de cuidados envolve, sempre, o trabalho emocional.” (Soares, 2012, p. 49).

Explorado nas relações que ocorrem entre a mulher que cuida e aquelas ou aqueles que recebem o seu cuidado, o trabalho emocional gasto para o cuidado pode passar despercebido. Consequentemente, não é reconhecido como um trabalho que possui valor e precisa de remuneração, embora a literatura que viemos discutindo aqui assinale para o cuidado como um tipo de trabalho emocional que precisa ser gerido no cotidiano laboral.

O sociólogo brasileiro Joaze Bernardino-Costa em resenha do livro “Migration, Domestic Work and Affect: a decolonial approach on value and the feminization of labor” (2012), de Encarnación Gutiérrez-Rodríguez, relata que o trabalho realizado pelas donas de casa é um tipo de trabalho afetivo justamente por estar envolvido com a produção de bem estar do conviver. Por este motivo, o cuidado (e por consequência, o afeto) com outras pessoas é um atributo inerente do trabalho doméstico. Em seu texto, o autor traz ainda a importante reflexão de Gutiérrez-Rodríguez sobre o contraste existente entre afeto e emoções,

Como a palavra latina sugere, *affectus* remete ao impacto que sentimentos de tristeza e de alegria, por exemplo, deixam sobre nossos corpos e pensamentos. Consequentemente, nossa energia cresce ou diminui conforme esses sentimentos. Portanto, os afetos são pré-linguais e pré-cognitivos. [...] Afeto tem um lado menos cognitivo e racional, emerge nas reações corporais e nas transmissões de sentimentos, deixando e/ou sentindo as energias dos corpos dos sujeitos e do ambiente. (Bernardino-Costa, 2012, p.451).

Segundo Bernardino-Costa (2012), a autora busca no filósofo neerlandês Baruch Spinoza a conceitualização de afeto, que está ligado à mobilização, ação, ímpeto, etc. Já as emoções estariam mais relacionadas com a intenção de ser simpático e atento com outras pessoas, portanto, seria um exercício de produzir o bem estar.

Em síntese, o ato de cuidar se faz sempre se não com afeto, pelo menos com trabalho emocional. O trabalho de cuidar que pa-

recia ter sido herdado pelas mulheres genética e essencialmente, foi adoçado “*com açúcar e com afeto*” ao longo dos anos e invisibilizado sob o disfarce do mundo privado. Para mencionar a música de Chico Buarque^{<?>}, “*Logo vou esquentar seu prato/ Dou um beijo em seu retrato/ E abro os meus braços pra você*”, retrata a mulher que faz de sua vida o cuidado da casa e a espera do marido com seu doce predileto, incluindo em seus afazeres incessantes um “*qual o quê*” de afetividade. Embora essa musa do lar seja bastante lembrada na literatura, na poesia e na melodia, necessita agora e imediatamente, que seu trabalho seja reconhecido para além de um gesto intrínseco de amor.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa, observamos que o saber fazer da costura permanece sendo um trabalho sem regulamentação trabalhista e reconhecimento legal, apesar de continuar sendo uma importante fonte de renda para diversas trabalhadoras. Este trabalho também continua a ser desenvolvido por mulheres, majoritariamente no âmbito domiciliar, tendo em vista a sua característica de trabalho intermitente. E, que justamente por isso, torna-se compatível com as tarefas que o cotidiano demanda e são necessárias para a reprodução da vida em sociedade, tal como a tarefa de cuidado seja das crianças, pessoas idosas ou enfermas. Ao tomar consciência das reflexões que envolvem a legislação da profissão de costureira e seus aspectos particulares que permeiam a informalidade no meio doméstico e, conseqüentemente, sua invisibilidade, podemos inferir que o trabalho da costura, para além de minuciosidade e delicadeza, é um trabalho que envolve cuidado, trabalho pesado e afetos.

Em suma, a vivência das mulheres que costumam possui uma forte afinidade com os saberes e fazeres femininos e geracionais. Não existe incômodo de reconhecê-los enquanto femininos, desde que esteja claro que não são essencialmente femininos. Desde que estejam dispostos outros caminhos para às vozes dissonantes. Entretanto, estes se tornaram formas de viver num mundo pungente e desigual. Em alguma medida, elas têm em si um pouco das bruxas que

fervem xaropes e fazem benzeções, um tanto das donas de casa que perfumam e confeitam bolos merengados. Elas são também estudantes, trabalhadoras, bordadeiras e contadoras de histórias, mães, filhas e netas. Elas produzem saberes e fazeres e costumam um cotidiano que não se faz sem sua força de trabalho.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. R. P. *O avesso da moda: trabalho a domicílio na indústria de confecção*. São Paulo: Editora Hucitec, 1985.
- BARBER, E. W. *Women's Work: The First 20,000 Years Women, Cloth, and Society in Early Times*. New York: WW Norton & Company, 1995.
- BECKER, H. S. *Segredos e truques da pesquisa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BERNARDINO-COSTA, J. Migração, trabalho doméstico e afeto. *Cad. Pagu*, nº. 39, pp. 447 - 459, 2012. Disponível em: <<https://bit.ly/30LG7Sf>> Acesso em: 20 jan. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332012000200016>.
- COLEN, S. Like a mother to them: stratified reproduction and West Indian childcare workers and employers in New York. In: GINSBURG, F. D.; RAPP, R. (Org.). *Conceiving the new world order: the global politics of reproduction*. Berkeley: University of California Press, 1995.
- DUBAR, C. A construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. *Cad. de Pesquisa*. São Paulo, Vol. 42, nº. 146, pp. 351-367, 2012.
- FEDERICI, S. *O calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.
- FREIDSON, E. L. Para uma análise comparativa das profissões: a institucionalização do discurso e do conhecimento formais. *Rev. Bras. Ci. Soc.*, São Paulo, Vol. 11, nº. 31, pp. 141-154, 1996.
- HIRATA, H.; GUIMARÃES, N. A. (Orgs.). *Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do care*. São Paulo: Editora Atlas, 2012.
- HOCHSCHILD, A. R. *La mercantilización de la vida íntima: Apuntes de la casa y el trabajo*. Buenos Aires: Katz editores, 2008.

“Com açúcar e com afeto”: o trabalho invisibilizado das mulheres costureiras.

- KÄERCHER, K. A. “Feito à mão e com amor”: alinhavos etnográficos acerca de saberes e fazeres de costureiras na cidade de Santa Maria/RS. 2018. 172 f. *Dissertação* (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Santa Maria: Santa Maria, 2018.
- DINIZ, M. *Os donos do saber: profissões e monopólios profissionais*. Rio de Janeiro: Revan, 2001.
- MOLINIER, P. Ética e Trabalho do Care. In: HIRATA, H.; GUIMARÃES, N. A. (Orgs.). *Cuidado e Cuidadoras: as várias faces do trabalho do care*. São Paulo: Editora Atlas, 2012. p. 29-43.
- NEVES, M. A.; PEDROSA, C. M. Gênero, flexibilidade e precarização: o trabalho a domicílio na indústria de confecções. *Sociedade e Estado*. Brasília, Vol. 22, nº 1, p. 11-34, 2007.
- NUMMER, F. V.; FRANÇA, M. M. C. *Entre ofícios e profissões: reflexões antropológicas*. Belém: GAPTA/UFPA, 2015.
- OLIVEIRA, L. R. C. Pesquisa *em versus* Pesquisas *com* seres humanos. In: VÍCTORA, C.; OLIVEN, R. G.; MACIEL, M. E.; ORO, A. P. (Orgs.). *Antropologia e Ética: O debate atual no Brasil*. Niterói: EdUFF, 2004. pp. 33-44.
- PAI, H. An ethnography of global labour migration. *Feminist Review*, Vol. 77, nº 1, pp. 129-136, 2004. Disponível em: <<https://bit.ly/3aToQvk>> Acesso em: 20 jan. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1057/palgrave.fr.9400178>.
- PERROT, M. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PERURENA, F. C. V. Relações entre gênero e representações holistas de saúde–doença. Porto Alegre: *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Vol. 18, nº 2, pp. 104 -112, 1997.
- SAPIEZINSKAS, A. Como se constrói um artesão: negociações de significado e uma “cara nova” para as “coisas da vovó”. Porto Alegre: *Horizontes antropológicos*, Vol. 18, nº 38, pp. 133-158, 2012.
- SAUTCHUK, C. E.; SANTOS, V.; CORDOVA, D. Z.; STOIEV, F.; MACHADO, J. C. B. *Alfaiatarias em Curitiba*. Curitiba: Edição dos Autores, 2009.
- SOARES, A. As emoções do care. In: HIRATA, H.; GUIMARÃES, N. A. (Orgs.). *Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do care*. São Paulo: Editora Atlas, 2012. pp. 44-59.
- SOLÍS, C. V. *Culturas del cuidado en transición: espacios, sujetos e*

imaginarios en una sociedad de migración. Barcelona: Editorial UOC, 2009.

STRATHERN, M. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

TRONTO, J. C. Mulheres e cuidados: o que as feministas podem aprender sobre a moralidade a partir disso?. In: JAGGAR, A. M.; BORDO, S. R. (Orgs.). *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. pp. 186-203.

FILMOGRAFIA

LA BELLE et La Bête. Direção de Jean Cocteau. Les Films André Paulvé, 1946. 2 DVDs. (103 min).